



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
INCUBADORA UNIVERSITÁRIA DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS
SOLIDÁRIOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM
ÊNFASE EM ECONOMIA SOLIDÁRIA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO**

UFCC/BIBLIOTECA

**AÇÃO EDUCATIVA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
A COOPERATIVA DE MINERADORES DE PICUI - PB**

MARIA ERIMAR SOUSA DOS SANTOS

**CUITÉ - PB
2013**

**AÇÃO EDUCATIVA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
A COOPERATIVA DE MINERADORES DE PICUÍ - PB**

MARIA ERIMAR SOUSA DOS SANTOS

UFCG/BIBLIOTECA

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, pela Universidade Federal de Campina Grande/Campus Cuité - PB.

ORIENTADOR: Prof.º Dr.º José Justino Filho

**CUITÉ - PB
2013**



Biblioteca Setorial do CES.

Julho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237e

Santos, Maria Erimar S. dos.

Ação educativa e economia solidária: um estudo de caso sobre a cooperativa de mineradores de Picuí - PB. / Maria Erimar S. dos Santos – Cuité: CES, 2013.

31 fl.

Monografia (Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano) – Centro de Educação e Saúde / UFGC, 2013.

Orientador: Dr. José Justino Filho.

1. Economia solidária. 2. CooPicuí. 3. Garimpeiros. I.
Título.

CDU 330.873


MARIA ERIMAR SOUSA DOS SANTOS

**AÇÃO EDUCATIVA E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE
A COOPERATIVA DE MINERADORES DE PICUÍ - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com Ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano, como pré-requisito para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 30 de setembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr.º José Justino Filho
Orientador UFCG/CES/UAE



Prof.ª Dr.ª Marta Maria da Conceição
Examinadora UFCG/CES/UAE



Prof.º Dr.º Hamilton Marinho Costa
Examinador UFCG/CES/UAE

UFCG/BIBLIOTECA

UFMG/BIBLIOTECA

Ao meu Pai - *in memoriam* - ao meu Pai,
cujo amor e carinho deram-me forças para obter
êxito e superar todas as dificuldades da
caminhada.

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos filhos - Dilayne, Elaine e Djalisson - que acreditaram em meu potencial e fortaleceram-me com seu apoio.

Ao meu amado – Vivi – pelo apoio logístico, tempo e paciência a mim dispensados durante a realização deste trabalho.

Aos meus queridos pais - Erotides e Antônio (*in memoriam*), pelo amor e afeto. Aos meus amados irmãos e irmãs, que me apoiaram ao longo da vida, ajudando-me e compreendendo-me. Pelos nossos laços eternos, amo vocês!

Ao meu amigo Paulo Oliveira, pela força e companheirismo, estando sempre presente e auxiliando a construção deste trabalho.

Ao meu orientador Prof.º Dr.º José Justino Filho, pela confiança em mim depositada, orientação, conselhos, compreensão, bem como todo o apoio durante o desenvolvimento deste estudo.

À todos os professores do “Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano”, da UFCG.

À Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, pela oportunidade de poder estudar este curso.

Aos meus amigos José Leonilton, Antônia Souza, Josefa Márcia, Maria Marçal e todos os demais amigos e colegas, pela harmoniosa convivência ao longo destes dois anos, tornando cada momento inesquecível, como também pela ajuda na caminhada em busca do crescimento intelectual.

À Cooperativa de Minerados de Picuí - COOPICUÍ, por todos os dados fornecidos para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao presidente da Coopicuí Tony Henriques pela disposição a ajudar-me para realização deste estudo.

E a todos aqueles homens que, como o suor do seu trabalho, se prestam à extração das riquezas minerais do solo picuiense.

RESUMO

Educar e conscientizar os garimpeiros numa perspectiva de Economia Solidária no Semiárido Paraibano coloca-se como uma problemática significativa nos dias atuais. Todavia, faz-se necessário saber se na prática as cooperativas têm efetivado o exercício da Educação e da Economia Solidária. Baseando-se nas atividades desenvolvidas pela COOPICUÍ, objetivou-se, neste trabalho, analisar como se dá a atuação desta instituição, bem como pensam e como trabalham os garimpeiros do “Alto do Urubu” e do “Alto da Boa Sorte”, garimpos localizados no município de Picuí – PB e assistidos pela Cooperativa. Metodologicamente, realizamos entrevistas tanto com os garimpeiros – num número de 3 – quanto com o presidente da COOPICUÍ, a fim de percebermos como se dá a atuação da COOPICUÍ no que tange às práticas do Cooperativismo. Tendo sido obtidos por meio de questionários com questões abertas e analisadas a luz do conteúdo abordado neste estudo, os resultados nos levam a conclusão de que a COOPICUÍ não capacita os garimpeiros como deveria, dentro da temática da comercialização dos minérios voltada à economia solidária. Também a Cooperativa não disponibiliza cursos que almejem a formação dos garimpeiros e que priorizem a Educação de Jovens e Adultos com ênfase na temática da Economia Solidária. Neste sentido, isto dificulta ou impede o desenvolvimento crítico do garimpeiro em prol da formação de uma consciência política e ideológica sobre tal temática. A ausência deste tipo de educação apresenta-se como um entrave no processo da construção de um pensamento político e econômico sobre a comercialização dos minerais extraídos, que permitirá uma intervenção e uma luta significativas por melhores condições de trabalho e de cidadania para garimpeiros. Esperamos que este trabalho possa contribuir para o debate acerca da relação entre a Educação e a Economia Solidária.

Palavras-chave: Economia Solidária; COOPICUÍ; Garimpeiros; Ação Educativa.

ABSTRACT

Educate and raise awareness among prospectors in a perspective of Solidarity Economy in the Semiarid Region Paraibano presents itself as a significant problem nowadays. However, it does. It is necessary to know if in practice the cooperatives have carried out the exercise of Education and Solidarity economy. Based on the activities developed by COOPICUÍ, the objective was, in this work, analyze how this institution works, as well as how they think and how work the miners of "Alto do Urubu" and "Alto da Boa Sorte", located miners in the municipality of Picuí - PB and assisted by the Cooperative. Methodologically, we perform interviews both with the miners - in a number of 3 - and with the president of the COOPICUÍ, in order to understand how COOPICUÍ operates with regard to Cooperative practices. Having been obtained through questionnaires with questions opened and analyzed in light of the content addressed in this study, the results lead us to conclusion that COOPICUÍ does not train garimpeiros as it should, within the the commercialization of ores aimed at the solidarity economy. Also the Cooperative does not provides courses that aim at training prospectors and that prioritize the education of Youth and Adults with an emphasis on the Solidarity Economy theme. In this sense, this makes it difficult or impedes the critical development of the garimpeiro in favor of the formation of a conscience political and ideological on this theme. The absence of this type of education presents itself as an obstacle in the process of building political and economic thinking about the commercialization of extracted minerals, which will allow for intervention and a struggle for better working and citizenship conditions for garimpeiros. we wait that this work can contribute to the debate about the relationship between Education and Solidarity economy.

Keywords: Solidarity Economy; COOPICUÍ; Miners; Educational Action

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O município de Picuí _____	20
Figura 2 - Nova delimitação do Semiárido _____	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. REVISÃO DA LITERATURA	10
3. METODOLOGIA	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1. A Mineração, uma atividade antiga	16
4.1.1. A mineração no Brasil	18
4.1.2. A mineração em Picuí	20
4.2. A COOPICUÍ: entre a ação educativa e a atividade mineradora	22
4.2.1. Conversando com o Presidente: um olhar para a gestão	24
4.2.2. Conversando com sócios: a perspectiva dos associados	25
5. CONCLUSÃO	28
6. REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

A mineração passou a fazer-se presente na história da cidade de Picuí – PB a partir da Segunda Guerra Mundial, no momento em que o governo norte-americano passou a investir na prospecção de minerais a serem empregados na sua indústria bélica, em franca expansão naqueles tempos de corrida armamentista. Segundo Sobrinho ([2012]), Berílio, Tântalo, Nióbio e Tungstênio eram os minerais que despertaram o interesse norte-americano, o que os fez impulsionar certa “tradição mineradora” no município. Já em março de 2012, foi inaugurada a “Praça dos Garimpeiros”, apontada como uma tentativa de resgate da história dos garimpeiros da cidade e de valorização da atividade econômica que dar destaque ao município (SOBRINHO, [2012]).

Buscando refletir questões de ordem social e econômica ligada à mineração no município de Picuí - PB, nosso trabalho pretende atentar para a promoção de uma Economia Solidária no contexto da exploração mineral no município de Picuí – PB, no qual pretendemos contemplar a atuação da Cooperativa de Mineradores de Picuí – COOPICUÍ, junto aos seus cooperados e nas relações possíveis estabelecidas com organizações educacionais – notadamente o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Campos de Picuí –, nas quais são ponderados fatores – econômicos, políticos, culturais, sociais -, ligados à exploração mineral na direção de uma Economia Solidária.

Este trabalho, portanto, nasceu da nossa preocupação com a problemática da Economia Solidária e suas possíveis relações com ações educativas com vistas na sua promoção e otimização de sistemas econômicos de produção desvinculados da lógica da chamada economia tradicional¹. Nesta perspectiva, buscamos entender como se processam as relações de solidariedade e cooperativismo que permeiam instituições que trazem tal nomenclatura.

Observando o destaque que vem sendo dado, neste contexto, à constituição de organizações – expressas num número significativo de iniciativas - voltadas para o cooperativismo, mostrando-se empenhadas em combater, diminuir e/ou amenizar os problemas enfrentados pelos trabalhadores e trabalhadoras nos vários contextos do Mercado de Trabalho no Brasil, pretendemos problematizar como são processadas teias de solidariedade – Economia Solidária – e cooperativismo na Cooperativa de Mineradores de

¹ Na acepção de Adam Smith, da qual trataremos adiante.

Picuí – COOPICUI, seja em contexto interno – entre seus cooperados -, seja em contextos externos – parecerias entre a Cooperativa e outras instituições.

Nos termos que colocamos a nossa problemática, levantamos as seguintes hipóteses: a) Para que haja uma promoção significativa da Economia Solidária, faz-se necessária a mobilização de determinados agentes – tais como associações de trabalhadores, ONGs, instituições educacionais, etc. – com vistas em objetivos comuns, indo ao encontro dos princípios de ES²; b) O trabalho cooperativo, tal como aquele promovido pela Cooperativa dos Mineradores de Picuí – COOPICUÍ, aponta para resultados significativos, na medida em que contribuem para uma melhoria das condições e relações de trabalho; e c) O trabalho cooperativo, na perspectiva da Economia Solidária, além de transformar as condições e relações de trabalho de seus praticantes, melhora a qualidade de vida de seus trabalhadores.

Em face das hipóteses acima elencadas, temos como objetivo geral o seguinte: Problematizar a ação cooperativa para uma Economia Solidária promovida no contexto da Cooperativa dos Mineradores de Picuí – COOPICUÍ, junto aos seus cooperados, refletindo possíveis ações educativas e/ou educacionais voltadas para a maximização dos resultados das ações de economia solidária.

No que tange aos objetivos específicos, elencamos quatro. São eles: a) Problematizar de cooperativismo aplicado ao contexto da Cooperativa acima citada, relacionando-o com o conceito de Economia Solidária; b) Analisar as ações cooperativas promovidas junto à COOPICUÍ; c) Refletir os resultados das ações cooperativas promovidas, na vida dos trabalhadores cooperativados pela COOPICUÍ; e d) Relacionar as ações voltadas para uma Economia Solidária em sua parceria com instituições educacionais, notadamente aquelas que trabalham – em termos de conhecimento técnico e científico – com a mineração.

A seca é tema recorrente no discurso sobre o Nordeste desde meados do século XIX. Nesta produção imagética e discursiva, o Semiárido nordestino figura como um ambiente castigado pelo fenômeno natural da seca e onde são imensos os problemas enfrentados pelas populações que vivem nesta região. Tendo se estendido até a segunda metade do século XX, a noção de região seca e miserável que era inerente ao Semiárido, assistimos à emergência de iniciativas – a maioria delas promovidas por órgãos da sociedade civil organizada – que estão

² Abreviação de “Economia Solidária”.

fazendo um caminho inverso. Trata-se, pois, de uma perspectiva que se volta para a valorização dos recursos naturais e humanos disponíveis nesta região e que, bem direcionados, pretendem resolver muitos dos problemas enfrentados pelas populações que vivem e convivem com o Semiárido.

Este trabalho se justifica por buscar investigar e refletir o Cooperativismo e a prática de uma Economia Solidária no contexto da Cooperativa dos Mineradores de Picuí - COOPICUI, como uma alternativa viável para no Semiárido, voltada para a valorização das riquezas locais, dos saberes e práticas sócio-culturais das pessoas envolvidas e a potencialização de ações social e economicamente viáveis, e sustentáveis, em relação ao meio ambiente, na busca pelo desenvolvimento econômico e social da região.

O objetivo deste trabalho é contribuir para a discussão acerca do associativismo na região, de modo a promover reflexões significativas e afirmativas no que tange à Economia Solidária no meio dos garimpeiros.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Falar de Economia Solidária é trazer à luz algumas questões que permeiam todo o debate que tenta unir dois conceitos que, *a priori*, são antagônicos: Economia e Solidariedade. Desta questão, segundo Kraychete (2002), surgiu certa confusão sobre a definição deste fenômeno chamando “Economia Solidária”.

O autor acima citado destaca que o conceito de “Economia” remete-se à competição, à concorrência, ao conflito de interesses entre pessoas ou grupos de pessoas. “O comportamento econômico e racional seria aquele movido pelo egoísmo, pelo autointeresse” (KRAYCHETE, 2002, p. 1). Trata-se, pois, de uma visão tradicional daquilo que viria a ser a economia, que é remetida à Adam Smith. Para este,

Não é da benevolência do padeiro ou do açougueiro que esperamos o nosso jantar, mas sim da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Apelamos não à sua humanidade, mas ao seu auto-interesse, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles (SMITH apud KRAYCHETE, 2002, p. 1 -2).

Chamando nossa atenção para a ideia de “Solidariedade”, Kraychete destaca o

pensamento de Amartya Sen, para o qual as reflexões sobre o conceito tradicional de economia fizeram certa distorção do pensamento de Smith, quando expurgaram uma certa noção de ética, enquanto evidenciavam apenas o egoísmo e o auto-interesse. Segundo Sen, deve-se atentar para uma “pluralidade de motivações” onde não mais impere a “ética de mercado”, em detrimento de outros valores éticos, estes ligados à ideia de solidariedade. A ideia de uma economia solidária pauta-se, portanto, no ser humano, na preservação do meio ambiente, na sustentabilidade, em oposição à dinâmica opressiva ligada ao conceito tradicional de economia (BRASIL, 2009, p. 1). Neste contexto, “Amartya Sen afirma a importância dos empreendimentos econômicos associativos como fator de mudanças sociais, não apenas em termos de benefícios econômicos, mas no modo de pensar das pessoas envolvidas” (KRAYCHETE, 2002, p. 2).

Pensando a ES no contexto de Brasil, o autor acima citado destaca o papel do Estado de Bem-Estar Social, que atua no sentido de “desmercantilizar”³ o trabalho, transformando-o em “Direitos” a serem trocados, e estendidos a toda a sociedade (KRAYCHETE, 2002, p. 2). Enquanto que na Europa, o cooperativismo entre os trabalhadores teve início no século XIX (BRASIL, 2009, p. 1), no Brasil, tal ideia surgiu no final do século XX, em resposta às mudanças ocorridas no mundo do trabalho.

Mas, num país como o Brasil, também é preciso indagar sobre a situação de milhões de pessoas que vivem do trabalho realizado de forma individual ou familiar. Aqui, o emprego regular assalariado nunca foi uma perspectiva realista para um grande contingente de trabalhadores e, nos tempos que correm, torna-se uma possibilidade cada vez mais remota (KRAYCHETE, 2002, p. 3).

Neste contexto, tem-se uma abertura significativa para uma “Economia de setores populares”⁴ (KRAYCHETE, 2002, p. 4), onde a “lógica empresarial” ligada à economia tradicional cede lugar para a “reprodução da vida da unidade familiar” (CORACCIO apud KRAYCHETE, p. 5).

No âmbito dessa economia dos setores populares convivem tanto as atividades realizadas de forma individual ou familiar como as diferentes modalidades de trabalho associativo, formalizadas ou não, a exemplo das cooperativas, empresas autogestionárias, centrais de comercialização de agricultores familiares, associações

³ Na acepção marxista, que atenta para a transformação do trabalho em mercadoria.

⁴ Denominação dada pelo autor para a Economia Solidária.

de artesãos, fundos rotativos, clubes de troca, etc. (KRAYCHETE, 2002, p. 4).

A Economia de setores populares, portanto, está para a ideia de uma cooperação solidária e justa, onde os fatores econômicos – aqueles preconizados pela teoria econômica tradicional – encontram-se e se relacionam, de maneira simbiótica, com os fenômenos políticos, econômicos, sociais, culturais e tecnológicos das comunidades.

“A Economia Solidária tem sido”, portanto, “uma resposta importante dos trabalhadores e das comunidades pobres em relação às transformações ocorridas no mundo do trabalho” (BRASIL, 2006, p. 7). Neste contexto, “são milhares de organizações coletivas, organizadas sob forma de autogestão que realizam atividades de produção de bens e de serviços, crédito e finanças solidárias, trocas, comércio e consumo solidário” (BRASIL, 2006, p. 7).

Pensar em ES no contexto da Cooperativa dos Mineradores de Picuí – COOPICUI é ir ao encontro da ideia de Cooperativismo. Fundada em 26 de fevereiro de 2011, em função da “necessidade dos garimpeiros locais de se organizarem para valorizar e defender a classe e seus produtos, como também a regularizar a situação legal da mesma, buscando (...) a melhoria das condições de trabalho e economia dos mesmos [garimpeiros] (...)” (SOBRINHO, [2012], p. 2).

Cooperativas (...) são sociedades de pessoas, constituídas para prestar serviços aos associados, que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro. Elas surgem, primeiramente, como reação a uma situação econômica desfavorável ao trabalhador que, não conseguindo vender sua força de trabalho, ou insatisfeito com a realidade dentro das empresas, resolve se unir a outros para que juntos adquiram o capital e os meios de produção necessários para prestar serviços diretamente ao consumidor. Além da prestação de serviços, há outras formas de união, como as de consumo, as de crédito e as habitacionais (SOUSA, 2009, p. 1).

Quando olhamos para as ações da COOPICUI, podemos perceber o quanto esta instituição tem buscado o aperfeiçoamento técnico-científico em relação à exploração mineral a qual se propõe promover e coordenar no município de Picuí – PB. Destaque é dado para as diversas parcerias firmadas entre tal entidade e instituições de pesquisa na área da mineração, tais como o Centro Tecnológico de Pedras, Gemas e Joias Preciosas do Rio Grande do Sul, situado em Soledade – RS, e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

- IFPB/Campus Picuí.

Em matéria publicada no site da COOPICUI, é destacada visita do Comitê Mineral Paraibano ao Centro Tecnológico de Pedras, Gemas e Joias Preciosas do Rio Grande do Sul, dando-se visibilidade ao papel do município na mineração. “Picuí tem grande vocação para o artesanato de gemas e joias”, afirma Juliano Tonezer, “mas infelizmente, este segmento está esquecido. Minha meta é resgatar e desenvolver um trabalho para esta área que com certeza será mais uma fonte de renda para a região”. A meta descrita pelo especialista Juliano Tonezer, segundo a já citada publicação da COOPICUI, diz respeito a um termo de cooperação técnica assinado entre as partes envolvidas, com vistas em desenvolver projetos de exploração mineral, tendo como base os novos conhecimentos na área.

Já em relação ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB/Campus Picuí, junto à atividade mineradora promovida no município pela COOPICUI, destacam-se inúmeras ações, dentre elas está o apoio ao Projeto “Garimpo em Picuí: Os homens por trás da História”, uma iniciativa do Projeto Social Filhos da Mãe. A Exposição é

(...) uma homenagem aos garimpeiros do Seridó, através de uma mostra fotográfica (...). A proposta da mostra é contribuir para o fortalecimento de um dos principais segmentos econômicos da região, além de valorizar a categoria, resgatar a história e oportunizar às crianças e adolescentes o contato com valores relacionados a sua origem. As fotografias abordam a figura humana no garimpo, as ferramentas utilizadas na extração e no beneficiamento, o primitivismo e a carência de evolução tecnológica além de flagrantes da vida no garimpo, o olhar do artista diante da rotina e das tradições (NOGUEIRA, 2012, s/d).

Destacam-se ações educativas com vistas na exploração mineral, a exemplo da palestra oferecida aos alunos do curso técnico em mineração, com o tema “Sustentabilidade na Mineração”, realizada pelo Professor Antônio Pedro Ferreira de Sousa – UFCG, durante a 1ª Semana do Meio Ambiente do IFPB (SOBRINHO, [2012]). Além disto, há o Curso Técnico em Mineração no IFPB/Campus Picuí, com vistas em preparar o alunado na exploração do potencial mineral da região.

Pensar a educação é pensar na própria ideia de homem enquanto ser social que, diferentemente de outros seres da natureza, necessita de conhecimentos para interagir e se relacionar com o meio em que vive. Esta é perspectiva defendida por Freire (1979) quando discorre sobre o que é a educação. “A educação”, afirma ele, “é uma resposta da finitude e da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado.

Isto leva-o à sua perfeição” (FREIRE, 1979, p. 27-28). Portanto, a educação vai se mostrar esta busca do homem pelo o seu aperfeiçoamento.

Neste processo entre o homem, como ser inacabado, e a natureza a educação vai ter papel fundamental na medida em que leva o homem a um aperfeiçoamento contínuo. Para que isto aconteça, faz-se necessário a interação do homem com outros homens em seu meio social, na medida em que “a educação (...) implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem” (FREIRE, 1979, p. 28). Apesar de afirmar que “ninguém educa ninguém”, Freire destaca o papel do outro no processo educativo, sendo este outro crucial para a “busca” do sujeito.

Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade, individualidade. Esta busca solitária poderia traduzir-se em um ter mais, que é uma forma de ser menos. Esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências, caso contrário se faria de umas consciências, objetos de outras. Seria “coisificar” as consciências (FREIRE, 1979, p. 28).

Nesta perspectiva, nos voltamos para o nosso objeto, atentando para o “ato de educar” promovido no contexto da Cooperativa dos Mineradores de Picuí – PB, como essa busca dos sujeitos por um conhecimento sobre a natureza mineral do Semiárido que torne suas populações “menos inacabadas”, ou seja, que ofereça alternativas viáveis para o desenvolvimento econômico, solidário e sustentável.

3. METODOLOGIA

O trabalho é composto das seguintes partes: Revisão da Literatura, Metodologia, Resultados, Conclusões e Referências. Na Revisão da Literatura, trazemos alguns conceitos que são de suma importância para este trabalho, tais como “Economia Solidária” e “Educação”.

Quando falamos da nossa Metodologia, nos referimos aos esforços empreendidos no sentido de explicitarmos os métodos utilizados para a realização deste trabalho, na busca pelos resultados mais significativos em relação à problemática levantada.

Nos Resultados, são expostas as falas daqueles sujeitos – tanto os garimpeiros quanto o responsável pela COOPICUI – que se prestaram a responder às nossas indagações. Também

estão postas, nesta parte do trabalho, todas as informações referentes à COOPICUÍ enquanto instituição.

As Conclusões constituem-se das nossas impressões acerca da problemática suscitada. Aqui, são postas as nossas considerações acerca da ação da COOPICUÍ e da mineração, a partir daquilo que nos foi apresentado pelos garimpeiros.

Por fim, apresentamos as Referências que nos deram a base bibliográfica para a nossa incursão, seja através da Economia Solidária, seja através do Ato de Educar, seja através das várias ações da COOPICUÍ junto aos mineradores.

Metodologicamente, lançamos mão de algumas das modalidades de pesquisa elencadas por Tozoni-Reis (2007), seja a pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. No que diz respeito às técnicas e instrumentos de pesquisa, realizaremos: a) leitura, análise e interpretação de textos; b) observação; c) entrevista e questionário; d) análise de conteúdos; e e) conclusão, conforme nos orienta a autora supracitada.

Sobre a pesquisa de campo, diz-se que “é a observação dos fatos tal como ocorrem e não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas” (RODRIGUES, 2007, p. 4). Considerando as proposições de Gonçalves (2011, p. 18) a respeito da pesquisa de campo – quando atenta para o “como?”, o “onde?” e o “como?” -, faremos observações *in loco* na Cooperativa dos Mineradores de Picuí – COOPICUÍ, além de entrevistas e aplicação de questionários aos cooperados, a fim de testarmos as hipóteses levantadas e alcançar os objetivos acima traçados.

Já uma pesquisa bibliográfica visa a “recuperar o conhecimento científico acumulado sobre um problema” (RODRIGUES, 2007, p. 4). Para Gonçalves (2011), aquele que pretende empreender essa modalidade de pesquisa “deve indicar como irá proceder com o material lido: onde irá consegui-lo (...), como irá documentá-lo (...) e como irá interpretá-lo (...)” (p. 18). No que tange aos procedimentos a serem por nós adotados, na perspectiva de uma pesquisa bibliográfica, pretendemos conseguir informações: a) sobre Economia Solidária, em livros que tratam do tema, notadamente Candeias et al (2005) e Hespanha e Santos (2007); b) sobre a Cooperativa dos Mineradores de Picuí – COOPICUÍ, em sites e blogs que trazem algumas reportagens sobre as ações desenvolvidas. No que diz respeito ao modo como documentar os resultados da pesquisa, faremos resenhas, fichamentos, esquemas e resumos, de modo a sistematizarmos todas as informações necessárias para este trabalho. Já em relação à interpretação de tais resultados, pretendemos fazer uma análise comparativa das teorias as quais pretendemos fazer uso, confrontando informações divergentes e comparando-as.

Quando pensamos nos objetivos desta pesquisa, atentamos para aquilo que nos diz Rodrigues (2007, p. 4) quando pensa nos tipos de pesquisa. São três: a) a pesquisa exploratória; b) a pesquisa descritiva; e c) a pesquisa explicativa.

Considerando que a pesquisa exploratória consiste em a) proporcionar maior familiaridade com o problema; b) permitir um levantamento bibliográfico e/ou entrevistas; e c) permitir, ainda, uma pesquisa bibliográfica ou estudo de caso, dizemos que nossa pesquisa será exploratória, já que lançaremos mão de tais elementos.

Já na pesquisa descritiva, a) fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem interferência do pesquisador; e b) é feito o uso de técnicas padronizadas e coleta de dados (questionário e observação sistemática). Como pretendemos realizar tais procedimentos, dizemos que nossa pesquisa, pensada a partir do tipo e quanto aos objetivos, também é um trabalho descritivo.

Neste sentido, dizemos que nossa pesquisa também será do tipo explicativa, já que pretendemos a) identificar fatores determinantes para a ocorrência dos fenômenos; e fazer uso do método observacional, já que nosso trabalho é um trabalho de ciências sociais - caso fosse na grande área das ciências naturais, faríamos uso do método experimental.

No que diz respeito à forma de abordagem, a presente pesquisa dar-se-á a partir da perspectiva qualitativa, na medida em que, a partir daquilo que expõe Rodrigues (2007, p. 5), a) é descritiva; b) As informações obtidas não podem ser quantificáveis; c) Os dados obtidos são analisados indutivamente; e d) a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. A Mineração, uma atividade antiga

A mineração, enquanto atividade humana remonta a cerca de 30 mil anos. Neste período, a história evolutiva nos diz que já o *homo erectus* realizava a extração de sílex (rocha sedimentar silicatada) e *chert* (rocha silicosa de origem orgânica) através de pedreiras a céu aberto, utilizando estas rochas como matéria-prima para a confecção de suas ferramentas e armas rudimentares. Trata-se, pois, daquilo que chamamos de “Idade da Pedra”. No período Neolítico – entre 8.000 a.C a 2.000 a.C. – tem-se alguns relatos de extração de rochas realizadas pelo método de lavra subterrânea (SANTOS, 2012).

A extração de metais – já na “Idade dos Metais” - primeiramente era realizada com fins ornamentais. Todavia, entre 7.000 a.C e 4.000 a.C, esta situação foi sendo modificada, principalmente pelo avanço da metalurgia do cobre. Neste contexto, pode ser destacada a existência de lavra a céu aberto para extração de prata e chumbo em Laurium, na Grécia antiga, durante o período do segundo milênio antes de Cristo (HARTMAN apud SANTOS, 2012). Os trabalhos nas minas exploradas pelos gregos e romanos eram realizados de maneira geral por escravos, prisioneiros de guerra, criminosos e prisioneiros políticos.

Um outro capítulo da história da mineração mundial foi escrito pelos celtas, povos de origem germânica e que possuíam como característica as constantes migrações pela Europa. Este povo detinha grande conhecimento de técnicas de mineração e metalurgia, ocasionando assim a disseminação destes conceitos por toda a Europa. Teriam sido os celtas os responsáveis pelo início das atividades de lavra em Schemnitz, antiga Thecoeslováquia, possivelmente no ano 745 d.C, em Rammelsberg em 970, Freiberg em 1170 e Joachimsthal em 1.515 (HARTMAN apud SANTOS, 2012).

Durante o período de colonização da América Espanhola, a atividade mineira esteve sempre presente como fator principal de interesse por parte dos colonizadores, como pode ser verificado nas palavras do conquistador espanhol Hernan Cortés ao mensageiro de Montezuma em meados do século XVI. Na ocasião, o colonizador teria dito: “Eu e meus companheiros sofremos de uma doença do coração que somente o ouro pode curar” (ALEXANDRE apud SANTOS, 2012). De uma maneira geral, as atividades de mineração na América Espanhola desenvolveram-se principalmente na extração de prata e em menor volume do ouro, empregando como mão de obra, indígenas das regiões mineiras (SANTOS, 2012).

Em 1556, foi publicado por Georgius Agricola (1494-1555), nome latinizado do médico de formação Georg Bauer, o primeiro tratado sistemático sobre mineração e trabalhos de fundição, o *De Re Metallica*. De uma maneira geral, Agricola descrevia as técnicas de mineração e trabalho de fundição desenvolvidos na região das Montanhas do Minério, centro-leste da Alemanha. Naquela época, as rochas eram desmontadas com a utilização de martelos e picaretas, símbolos universais da mineração (SANTOS, 2012, p. 12).

Dentre outros fatores importantes, que contribuíram para o desenvolvimento da mineração na história da humanidade foram os seguintes: a) o uso, pela primeira vez na história de perfuração e detonação em Schemnitz no ano de 1727; b) a introdução de perfuratrizes pneumáticas em Rammelsberg 1876; c) a utilização de iluminação artificial em minas subterrâneas utilizando-se de lamparinas e velas fixadas em rochas ou nos capacetes

dos mineiros em Cornish no século XVIII (HARTMAN apud SANTOS, 2012, p. 12). Nos E.U.A, destaca-se a chamada “Corrida do Ouro”, ocorrida em meados do século XIX e que contribui para a ocupação do centro-oeste daquele país. Este acontecimento é marcado pela migração de mais de 300.000 mil estadunidenses, milhares de sul-americanos, árabes, europeus, asiáticos e australianos migraram em massa para garimpar ouro nas recém descobertas jazidas na Califórnia (PUPPIN apud SANTOS, 2012, p. 15).

4.1.1. A mineração no Brasil

A história do Brasil, a partir de 1500, é marcada de maneira significativa pela atividade prospectiva e, *a posteriori*, mineradora. Tendo sido colonizada por Portugal, a então colônia brasileira, desde a chegada dos primeiros portugueses, foi alvo da cobiça europeia pelo ouro, num período da expansão capitalista marcada pelo metalismo.

Significativo é o trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha endereçada a D. Manuel, o rei de Portugal à época da chegada ao Brasil. Neste, Caminha diz o seguinte: “Nela [na terra recém chegada], até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos” (FERRAN apud SANTOS, 2012, p. 16).

A primeira descoberta de ouro no Brasil está documentada na lápide de Brás Cubas, fundador da cidade de Santos, onde se lê “(...) descobriu ouro e metais no ano de 1560 [...] faleceu no ano de 1592” (AZEVEDO apud SANTOS, 2012). Consta que Luis Martins, mineiro profissional, enviado por Portugal em 1559, a pedido de Brás Cubas, apresentou três marcos de ouro na câmara de Santos, em maio de 1562, descoberta esta provavelmente na Serra de Jaguará, situada na periferia norte de São Paulo (RENGER apud SANTOS, 2012, p. 16). Posteriormente, houve a descoberta de ouro na região compreendida entre o Litoral Sul de São Paulo até a região das atuais cidades de Paranaguá e Curitiba (Vale do Ribeira), ouro estes existentes em aluviões e rochas. Relatos da época, informam que a mão de obra utilizada nestas minas eram de índios domesticados (SANTOS, 2012, p. 16).

Insatisfeito com as riquezas minerais até então encontradas, a convite dos reis de Portugal, Fernão Dias Paes Leme (1608-1681) e outros homens de São Paulo colocaram-se em bandeira em 1674, a procura de minas de prata e esmeraldas no interior do atual estado de Minas Gerais (FERRAN apud SANTOS, 2012, p. 17).

Como as primeiras incursões não foram significativamente exitosas na busca pelo ouro, esta passou a ser objeto de ação dos bandeirantes que, após mais de dois séculos depois da chegada às *terras brasílicas*, descobriram as jazidas auríferas e de diamantes nas Minas

Gerais, já no século XVIII (FIGUEIREDO, 2011).

Durante o Ciclo Econômico do Ouro as atividades de lavra eram realizadas em aluviões e veeiros, utilizando-se quase exclusivamente da mão de obra escrava (FIGUEIREDO, 2011). Devido ao desconhecimento de técnicas de mineração mais apuradas, as atividades extrativas eram realizadas apenas em superfície, onde o minério de ouro apresentava-se friável e em estado livre, propiciando maiores facilidades para sua separação (OLIVEIRA apud SANTOS, 2012).

Este período perdurou até o final do século XVIII, vindo a declinar no início do século XIX devido a falta de tecnologia de extração em outras áreas que não aquelas de aluvião. Ao passo que a extração de ouro entrava em declínio, era a exploração de diamantes quem passou a vigorar enquanto atividade econômica rentável para a Coroa Portuguesa. Destaca-se ainda a descoberta de diamantes em 1730, na região de Arraial do Tijuco, atual cidade de Diamantina, nas Minas Gerais, o que tornou o Brasil país líder na produção de diamantes no período que vai de 1730 a 1870 (SANTOS, 2012, p. 17). Nestes termos, dizemos que, durante o período da colonização portuguesa, a exploração do ouro e do diamante foi intensa principalmente nos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Destaca-se na produção de amianto, bauxita, cobre, cromo, estanho, ferro, grafita, manganês, níquel, ouro, potássio, rocha fosfática, zinco.

Após a independência do Brasil, houve a abertura das minas à iniciativa privada, sendo os ingleses os maiores interessados. Edward Oxford, o Barão de Catas Altas e o Marquês de Olinda incorporaram a *Imperial Brazilian Mining* para a realização de atividades extrativas de ouro em Gongo Soco, hoje cidade de Barão de Cocais, também no Estado de Minas Gerais. Com o rendimento extraordinário demonstrado nas atividades da Imperial, outras seis companhias inglesas foram estabelecidas no período entre 1824 e 1834 para a lavra de ouro nas cidades de São João Del Rei, Sabará, Itabira do Campo, Cocais e Serra do Frio, utilizando-se de técnicas avançadas para época, como escavações subterrâneas, trilhos, pilões para moagem do minério e liberação do ouro, iluminação a máquina a vapor etc. (SANTOS, 2012, p. 17). Neste contexto, as companhias inglesas de mineração reuniam trabalhadores livres e escravos (inclusive alugados), nacionais e estrangeiros, homens, mulheres e crianças.

Em termos de preparação técnica, há o destaque para a criação da Escola de Minas de Ouro Preto, com o intuito de se formar pela primeira vez na história, engenheiros especialistas em mineração no Brasil (SILVA, 2012).

No que tange à outras atividades de exploração mineral, destacam-se: a) atividades extrativas de carvão em Santa Catarina no final do século XIX, realizadas por empresas de origem inglesas; b) início das atividades de minério de ferro em Itabira – MG, pela empresa

inglesa *Brazilian Hematite Syndicate*, que posteriormente transformou-se na *Itabira Iron Company* embrionária da atual Vale do Rio Doce (SANTOS, 2012), cujas atividades de mineração a colocam entre as cinco gigantes mundiais da mineração.

4.1.2. A mineração em Picuí

A cidade de Picuí (Figura 1) está localizada na mesorregião geográfica da Borborema e na microrregião geográfica do Seridó Ocidental (SANTOS, 2013).

Figura 1: O município de Picuí



Fonte: SANTOS, 2013, p. 22.

Como podemos observar, este município encontra-se, assim como grande parte dos municípios da Paraíba, no Semiárido brasileiro, uma região naturalmente seca.

O Semiárido brasileiro é uma região que teve sua definição ligada à Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE. Em 1989, temos o seguinte: “(...) Para efeito de aplicação dos recursos, entende-se por (...) semi-árido, a região natural inserida na área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, definida em portaria daquela autarquia” (BRASIL apud PEREIRA JR, 2007, p. 3). Neste contexto, o critério utilizado dizia respeito aos índices pluviométricos, os quais deveriam dizer respeito a uma pluviosidade anual menor ou igual a 800 mm. Com a extinção da SUDENE, foi o Ministério da Integração Nacional quem assumiu as suas atribuições. Em 2001, aquele Ministério chegou à conclusão de que o critério de pluviosidade mostrava-se insuficiente para a definição daquela região. Nisto, foi constituído, em 2004, um Grupo de Trabalho

Interministerial – GTI, cujo objetivo era elaborar um estudo e realizar uma nova delimitação da região. Em 2006, o GTI apresentou um relatório no qual estavam postos os três critérios nos quais se embasariam a nova delimitação do Semiárido brasileiro (PEREIRA JR, 2007, p. 3). O primeiro desses critérios continuou sendo o índice pluviométrico igual ou menor que 800 mm/ano. O segundo deste critério diz respeito ao índice de aridez⁵ de até 0,5, tendo como base o balanço hídrico entre 1961 e 1990. Já o terceiro critério é aquele que fala do risco de seca maior que 60%, tendo como base o período entre 1970 e 1990 (BRASIL, 2007, p. 3).

Com a nova delimitação (Figura 2), o Semiárido brasileiro passa a ter 1.133 municípios, numa área de 969.589,4 km² (BRASIL, 2007, p. 3).

Figura 2: Nova delimitação do Semiárido



Fonte: BRASIL, 2007, p. 4.

Como pudemos observar, trata-se de uma região geográfica marcada por períodos significativos de estiagem, o que compromete os ciclos produtivos ligados à agricultura. Nestes termos, a alternativa para esta região foi encontrada na exploração mineral.

A história da mineração no município de Picuí teve início no contexto da Segunda Guerra Mundial, e está posta no Hino da Cidade, quando na última estrofe de sua letra, temos:

E quando a Europa nos chamou lá pra guerra

⁵ Baseado no trabalho do climatologista norte-americano Charles W. Thornthwaite, o índice de aridez é utilizado para medir o grau de aridez (seca, desertificação), acidez de uma determinada região. É obtido a partir de relação entre o potencial hídrico (P), quantidade de água da chuva, e a taxa de evaporação e transpiração potencial (ETP), ou a evapotranspiração potencial, quantidade máxima de perda de água pela acidez (Poluição), evaporação e transpiração (FUNCEME, s/d).

Mandaste logo este tântalo bendito
Glória e riqueza extraído dessa terra
O talismã tão revelado do infinito.

Como podemos observar, o impulso para esta atividade econômica veio com as demandas geradas durante a Segunda Grande Guerra Mundial, na medida em que os minerais – destacando-se o tântalo – era exportado para a Europa, a fim de ser utilizado pela indústria belicista. Nestes termos, a atividade mineral constituiu-se enquanto uma atividade beligerante.

Não apenas no hino da cidade, mas também em grande parte da produção cultural dos picuienses, a mineração tem um lugar de destaque. Tomemos como exemplo a obra poética de Antônio Henriques Neto⁶, na qual estão postos os poemas *O berço que Deus me deu* (HENRIQUES NETO, 1985, p. 17 – 20), *O Garimpeiro* (HENRIQUES NETO, p. 64 – 65), *Falando à Picuí* (HENRIQUES NETO, p. 187 – 191) e *Neste Picuí sertanejo, celeiro dos minerais* (HENRIQUES NETO, 2001, p. 19 – 21). Nesta antologia, podemos – em que o poeta cria representações, fazendo uso de uma linguagem poética de tradição oral e, portanto, tipicamente nordestina – fala tanto da vida do garimpeiro picuiense quanto daquilo que efetivamente a mineração trouxe para a cidade.

Todavia, interessa-nos, no que pese à atividade mineral em Picuí – PB, a ação da COOPICUÍ, da qual trataremos a seguir.

4.2. A COOPICUÍ: entre a ação educativa e a atividade mineradora

A Cooperativa dos Mineradores de Picuí – COOPICUÍ é “uma sociedade de natureza civil e de responsabilidade limitada, sem fins lucrativos, constituída no dia 26 de fevereiro de 2011, que se rege pelos valores e princípios do Cooperativismo, pelas disposições legais, em sincronismo com o Programa de Autogestão” (COOPICUÍ, 2011, s/p). Com a sua sede administrativa localizada na Rua Otávio Henriques, nº 09, bairro Pedro Salustino, em Picuí – PB, esta Cooperativa possui uma área de atuação que abrange apenas o município de Picuí.

No que tange ao objetivo principal da COOPICUÍ, o art. 2º do seu estatuto diz que, baseando-se nos princípios e valores do cooperativismo, “tem por objetivo o desenvolvimento das atividades de exploração minerais dos seus associados, tendo sempre em vista a sua preparação para o exercício da cidadania e a sua inserção como elemento ativo e

⁶ Poeta picuiense, cuja obra é dedicada ao Sertão e ao Sertanejo, e onde a cidade de Picuí e a região no seu entorno figuram como personagens.

produtivo no contexto social e econômico do país” (COOPICUÍ, 2011, s/p). Como podemos observar, o que está posto aqui é a preconização da preparação dos associados para o efetivo exercício da cidadania, aliada à instrumentalização e operacionalização da atividade mineradora.

O primeiro parágrafo do artigo acima citado diz o seguinte:

As cooperativas baseiam-se em valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Conforme os seus pioneiros, o Cooperativismo acredita nos valores éticos de honestidade, transparência, responsabilidade social e preservação do ambiente para o desenvolvimento sustentável (COOPICUÍ, 2011, s/p).

Como podemos constatar, esta Associação está, em tese, em consonância com os princípios que regem o Cooperativismo. Para o cumprimento dos objetivos expostos, o estatuto preconiza as seguintes ações:

- a) adquirir diretamente bens de consumo e produtos necessários à atividade garimpeira, quer de fontes produtoras, quer de fontes distribuidoras, nacionais ou estrangeiras, fornecendo-lhes nas melhores condições de preços possíveis ao seu quadro social;
- b) realizar a prospecção, pesquisa e lavra de jazidas minerais;
- c) estabelecer as áreas e condições para o exercício da atividade de garimpagem, de forma associativa;
- d) receber, classificar, padronizar, armazenar, beneficiar, industrializar, embalar e comercializar a produção de seus associados;
- e) obter financiamento e fazer o repasse ao quadro social para aquisição de equipamentos necessários para o desenvolvimento de suas atividades no garimpo;
- f) proteger, fiscalizar o meio ambiente e evitar a poluição na área em que atua, além de preservar a flora e a fauna;
- g) promover, mediante convênio com outros órgãos, a recuperação das áreas degradadas pela COOPICUÍ – Cooperativa de Mineradores de Picuí;
- h) prestar assistência técnica, educacional e social ao quadro de associados e seus familiares;
- i) difundir a doutrina cooperativista e seus princípios entre o quadro social;
- [e] j) trabalhar para o desenvolvimento sustentado da sua comunidade, mediante políticas aprovadas pelos membros (COOPICUÍ, 2011, s/p).

Se compararmos os objetivos elencados com as ações a serem promovidas para a sua efetivação, podemos observar o seguinte: se nos “objetivos”, tem-se uma ênfase significativa na formação dos associados – que são denominados de “quadro social” – para fins tanto da

exploração propriamente dita quanto para a sua constituição cidadã a partir dos princípios do Cooperativismo, nas “ações” há uma preconização da instrumentalização técnica e de infraestrutura, ficando aquela parcela mais significativa dos objetivos prejudicada.

De modo geral, a COOPICUÍ foi fundada naqueles princípios acima elencados e o seu Estatuto nos remetem a uma preocupação significativa não apenas com a exploração produtiva dos minerais pelos associados, mas, também com o oferecimento de uma educação para a cidadania, bem como uma significativa preocupação com a preservação e/ou recuperação do Meio Ambiente, baseando-se naquilo que chamam de Sustentabilidade.

4.2.1. Conversando com o Presidente: um olhar para a gestão

A fim de entendermos como dar-se a organização da COOPICUÍ, realizamos uma entrevista com Antônio Assunção Henriques - popularmente conhecido como Tony -, presidente da Associação. Além da conversa que tivemos no dia 9 de agosto de 2013, Tony se prestou à responder um questionário escrito, da qual temos o que segue:

Erimar: Dados da Cooperativa – nome, número de cooperados, local.

Tony: Cooperativa dos Mineradores de Picuí. Sócios fundadores - 25; Sócios participantes – 38; 63 sócios. Sede administrativa: Rua José Patrício Dantas, 62, Bairro Pedro Salustino.

Erimar: Qual é a atividade da cooperativa?

Tony: Compra de minérios dos sócios, como feldspato, mica, berilo, quartzo, albita, pedra de cantaria, paralelepípedos.

Erimar: Como está o mercado para esta atividade?

Tony: O mercado para a mineração ele varia conforme as demandas do mercado, mas no momento vivemos uma crise devido está faltando dinheiro no mercado, mas que isso é comum e já se percebe a reação no mercado. Pior aumentou a demanda de pedidos no final de julho e agosto está iniciando bem.

Erimar: Como é administrada esta cooperativa.

Tony: A Coopicuí é administrada por 2 conselhos, um administrativo e outro fiscal, se reunimos uma vez por mês para o balanço mensal e prestação de contas, tudo é registrado em ata e assumido pelos presentes, temos um contador, nós da assessoria a OCB/SESCOOP de João Pessoa e temos uma boa equipe de trabalho com 2 motoristas, uma secretária, 1 engenheiro de minas, 1 geólogo que são funcionários da CDRM e prestam serviços as cooperativas do estado.

Erimar: Os objetivos da cooperativa estão sendo alcançados?

Tony: Os nossos objetivos a frente da Coopicuí tem sido alcançados, pois eramos uma associação e hoje somos cooperativa, corremos atrás da convivência e pela primeira vez na história se ver chegar algo de concreto e visível, pois sabemos que Picuí na antiguidade recebeu muitos convênios e nada se chegava aos mineradores.

Erimar: Existe outra cooperativa que atenda aos interesses do grupo?

Tony: No momento está sendo criada outra cooperativa no município exclusiva para a extração de paralelepípedos e temos o interesse em ajudar a fortalecer cada vez mais a reta da mineração.

Erimar: Quais as experiências positivas e negativas que os membros conhecem?

Tony: Todos nós temos conhecimento de como se funciona uma empresa, e ela tem

que pagar impostos e os mineradores tiveram uma visão negativa com relação a arrecadação de tributos, pois eles dizem que deveria ser isento de impostos, do outro lado independente da situação do mercado a Coopicuí compra o material dos mineradores e faz estoque, quando normaliza a compra nós revendemos.

Erimar: Todos os associados sabem quais são seus direitos e deveres?

Tony: Sabem sim, mas muitos cobram mais direitos do que colocam em práticas seus deveres, e nem todos pagam suas cotas para se associar, pois dizem que o governo é quem deve pagar e não eles, mas sabemos que não funciona assim.

Erimar: Todos têm consciência que estão participando de uma cooperativa?

Tony: Poucos tem essa visão, ainda persiste aquela visão de individualismo e não querem ajudar um ao outro, mas estamos sempre aplicando cursos de cooperativismo entre eles junto ao SEBRAE.

Erimar: Formar a cooperativa foi a melhor solução?

Tony: Sim, pois só tem acesso a recursos através de cooperativa, pois associação não recebe maior convênios, lutamos muito para chegar aonde estamos, mas valeu a pena ver que o esforço foi válido e que as coisas estão chegando aqueles que mais precisam.

Como pudemos observar, na visão do Presidente, a COOPICUÍ se coloca enquanto uma entidade voltada para a promoção de uma Economia Solidária. Todavia, observamos um desvirtuamento no que tange os direitos e deveres de cada associado, especialmente no pagamento dos impostos e taxas legalmente estabelecidos. Nestes termos, atentemos para uma necessidade de uma conscientização acerca do papel de cada associado junto à instituição.

4.2.2. Conversando com sócios: a perspectiva dos associados

Tendo em vista a necessidade de colhermos algumas impressões de como atua a COOPICUÍ no que tange aos mineradores, realizamos entrevista com três garimpeiros associados, em dois garimpos diferentes. No garimpo “Alto da Boa Sorte”, situado no Sítio Boa Sorte, a cerca de 19 km de distância da cidade de Picuí, realizamos entrevista com dois garimpeiros sócios. Neste garimpo “Alto da Boa Sorte”, temos uma composto de quatro minerados, tendo como principal mineral extraído por eles o feldspato, utilizado para construção de cerâmicas brancas (louças de porcelana, vaso sanitários entre outras). No grupo daqueles sujeitos, temos um senhor de 72 anos que, mesmo aposentado como agricultor, trabalha como garimpeiro porque gosta da atividade. Os outros três só estão desenvolvendo esta atividade devido a seca que aflige a região, caso contrário estariam na agricultura. Todos relataram que deixaram de estudar para trabalhar e não pretendem mais estudar. Segundo eles, assim como os garimpeiros do “Alto do Urubu”, a COOPICUÍ já realizou várias atividades voltadas para sua formação sobre a utilização de explosivos.

Do primeiro entrevistado, temos o seguinte:

Erimar: Qual é o seu grau de escolaridade?
Garimpeiro: Cartilha.
Erimar: Por que parou de estudar?
Garimpeiro: Porque não tinha futuro. Era muito difícil as coisas, menina. Era da cartilha do ABC pra cartilha.
Erimar: Deseja voltar a estudar?
Garimpeiro: Não, pois não vejo mais...
Erimar: Em que a Educação de Jovens e Adultos poderá lhe ajudar?
Garimpeiro: Sei lá.
Erimar: Além do garimpo, desenvolve outra atividade?
Garimpeiro: Não.
Erimar: O dinheiro ganho no garimpo é suficiente para o sustento da família?
Garimpeiro: É nada. É só um intento para não estar em casa.
Erimar: Como funciona o garimpo?
Garimpeiro: Aqui não vai funcionar com a Copicuí só vem pagar a cooperativa.
Erimar: Que ajuda recebem da Coopicuí?
Garimpeiro: Aonde o material compra em Parelhas. O material da Coopicuí é caro.
Erimar: Quantos garimpeiros trabalham aqui?
Garimpeiro: Quatro.
Erimar: Tem algum acompanhamento médico?
Garimpeiro: Não tenho nada disso.
Erimar: Usa alguma proteção?
Garimpeiro: Não.
Erimar: A água de beber vem de onde?
Garimpeiro: De uma banqueta.
Erimar: Já ouviu falar em Economia Solidária?
Garimpeiro: Nunca.
Erimar: Qual é a ajuda da Coopicuí?
Garimpeiro: Em nada. Só no início.
Erimar: Quais são os minérios retirados deste garimpo?
Garimpeiro: Feldspato, Prego de Albita, Berilo, Chapa.
Erimar: Algum dos garimpeiros estão estudando?
Garimpeiro: Não.
Erimar: O que mudou após a Coopicuí?
Garimpeiro: Nunca. Aqui não muda nunca. Aqui não faz isso.
Erimar: Como era antes?
Garimpeiro: Gastei 380 reais para limpar o buraco, passar a chuva.

Em seguida, realizamos entrevista com outro garimpeiro. Desta, temos:

Erimar: Por que parou de estudar?
Garimpeiro: Para trabalhar.
Erimar: Além do garimpo, desenvolve outra atividade?
Garimpeiro: Quando aparece.
Erimar: O dinheiro ganho no garimpo é suficiente para o sustento da família?
Garimpeiro: Aperrado. Não morre de fome.
Erimar: Paga algum tipo de arrendamento (conga) ao dono do sítio?
Garimpeiro: Pago 10%. Tem que pagar a conga ao dono do sítio.
Erimar: A Cooperativa ajuda no pagamento da conga?
Garimpeiro: Quem? Esse condenado ajuda em conga de ninguém?!
Erimar: O que você entende por Economia Solidária?

Garimpeiro: Não. Foi quando começou, para comprar o compressor.

Erimar: Se na região chovesse sempre, você continuava sendo garimpeiro ou pretendi voltar para a agricultura?

Garimpeiro: Na agricultura, só quando chove.

Já no garimpo “Alto do Urubu”, localizado no Sítio Urubu, situada a cerca de cinco km de distância da cidade, realizamos a entrevista com apenas um garimpeiro. Neste garimpo, trabalham 5 mineradores, cuja faixa etária varia entre 18 e 60 anos e escolaridade que vai da “Cartilha” à 4ª série. Em conversa informal, estes garimpeiros nos informara que a participação da COOPICUI é bastante significativa, pois a mesma vem contribuindo no processo de perfuração das rochas para a colocação dos explosivos, bem como a disponibilização das máquinas para auxiliarem o trabalho deles. Dentre estas, temos compressores, tratores, caçambas e retroescavadeira. Estes associados também destacaram a participação de cursos de formação oferecidos pelo o SEBRAE, dentre estes um voltado para o uso adequado de explosivos.

Os garimpeiros do “Alto do Urubu” desenvolvem as atividades de extração de minérios devido à seca que atinge a região do Semiárido. Segundo os mesmos, se as chuvas tivessem um regime constante, todos estariam envolvidos com a agricultura, pois todos eles são agricultores. Dos cinco agricultores entrevistados apenas três possuem pretensão de voltar a estudar algum dia.

Desta entrevista, obtivemos o seguinte:

Erimar: Qual é o seu grau de escolaridade

Garimpeiro: 4ª série.

Erimar: Por que parou de estudar?

Garimpeiro: Morava no sítio. Não tinha escola. O pai morreu e fiquei à frente da família.

Erimar: Em que a Educação de Jovens e Adultos poderá lhe ajudar?

Garimpeiro: Não.

Erimar: Além do garimpo, desenvolve outra atividade?

Garimpeiro: Agricultura, pedreira.

Erimar: O dinheiro ganho no garimpo é suficiente para o sustento da família?

Garimpeiro: É... não passo fome.

Erimar: Paga algum tipo de arrendamento (conga) ao dono do sítio?

Garimpeiro: Pago 10%.

Erimar: A Cooperativa ajuda no pagamento da conga?

Garimpeiro: Não.

Erimar: O que você entende por Economia Solidária?

Garimpeiro: [Sem resposta].

Erimar: Você também é agricultor?

Garimpeiro: Sim.

Erimar: Se a nossa região chovesse sempre, você continuaria sendo garimpeiro ou

pretende ser agricultor?

Garimpeiro: Agricultor

Erimar: Pretende se aposentar como agricultor ou como garimpeiro?

Garimpeiro: Como agricultor.

Como pudemos observar na fala dos entrevistados, o garimpo enquanto atividade econômica, se coloca para aqueles sujeitos trabalhadores ora como uma alternativa à seca, ora como principal atividade econômica. Neste conjunto de garimpeiros, a maioria não possui um grau de escolarização significativo, tendo cursado apenas os primeiros anos da Educação Básica. Neste sentido, a Educação se coloca como algo distante, que não toca a realidade de cada um deles.

5. CONCLUSÃO

Percebe-se que se uma determinada população carece de atividades econômicas alternativas para sobreviver, em função da invariabilidade proveniente das condições climáticas e/ou da ausência de outro meio lítico, que gere em emprego e renda, uma alternativa que surja deve ser aproveitada. Baseando-se nisso, vê-se a necessidade de exploração do potencial mineral do município de Picuí, no Semiárido paraibano, como forma de ocupação para agricultores que estão em período de estiagem. Sendo assim, a mineração constiu-se como uma fonte de sustento para os mesmos, melhorando sua qualidade de vida e de seus familiares.

Essa carência de chuva enfatiza a importância da mineração nessa área, a qual não deve ser concebida apenas como um “bico”, mas como uma atividade de bases sustentáveis. Entretanto, existe uma carência premente da implementação de um programa de educação voltado para a formação de cooperativas com ações de Economia Solidária, onde os agricultores e/ou minerados poderão compreender melhor o Cooperativismo e as ideias da Econômica Solidária. Além disso, este programa torna-se um fator de desenvolvimento econômico atingindo objetivos como a preservação ambiental, a conservação e a valorização histórico-cultural destes.

Para que essas mudanças se processem cabe às autoridades e órgãos competentes deixarem de lado as divergências políticas, oferecendo mecanismo, através de órgãos de fiscalização e controle, fazendo com que as leis e normas vigentes em que se encontram o

estatuto da COOPICUÍ sejam observadas. O conjunto de máquinas da Cooperativa – de uso comum dos associados - encontra poderá ser utilizado de uma forma mais eficaz, chegando aos garimpeiros de fato. Esta fiscalização permitirá uma utilização que produza melhorias para a qualidade de vida dos garimpeiros locais e minimize os possíveis impactos ao meio ambiente. Uma tarefa de tamanha magnitude necessita da participação ativa e organizada da população civil, que pode ser o fator de equilíbrio entre o poder público e muitas vezes instável, omissa a população que luta por melhorias.

Através desse estudo pode-se perceber que a falta de informação - que poderia ser obtida através de uma ação educativa promovida através da EJA - é um dos contribuintes para que os garimpeiros não reconheçam seus direitos e deveres com a cooperativa. Segundo o Presidente Toninho as máquinas estão à disposição dos garimpeiros, mas caso haja um dano a alguma peça, nenhum destes está disposto a ajudar. Além disso, boa parte recusa-se a pagar a taxa de contribuição da cooperativa.

Pelo decorrente estudo, viu-se que eles não têm conhecimento do significado da Economia Solidária e que em sua maioria possuem o ensino fundamental incompleto, estudando até o 5º ano. Após visitarmos os garimpos citados neste trabalho, percebemos que os garimpeiros não têm a compreensão formal da economia solidária, embora em algumas ocasiões usem da mesma entre eles. Tal compreensão só será alcançada com cursos de formação que podem ser oferecidos pelo EJA, sempre trabalhando dentro desta temática.

Vale atentarmos para uma certa tendência, por parte dos mineradores, a reivindicação de um papel assistencialista da COOPICUÍ. Aqui, ao que parece, a falta de compreensão sobre o que se trata a economia solidária, por parte da população local constitui parte de um senso de que a Cooperativa precisa apenas arcar com as suas funções de dar assistência aos membros, sem que estes cumpram com seus deveres de associados. Disto, a COOPICUÍ, segundo o que nos disse o seu presidente, tem dificuldade em realizar o trabalho que preconize a Economia Solidária devido, também, a estes fatores. Nestes termos, acreditamos fazer-se necessário formar e informar estes garimpeiros sobre a função da COOPICUÍ, bem como a possibilidade de que eles poderão ajudar no desenvolvimento da mesma e, conseqüentemente, deles próprios, postos enquanto os principais beneficiários da Cooperativa.

A cooperativa ainda está em fase de experimentação, mas só conseguirá o progresso se todos os envolvidos entendam o seu objetivo e compreendam o significado da economia solidária por ela implantada.

UFPA BIBLIOTECA

6. REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005**. Brasília: MTE/SENAES, 2006.
- _____. Ministério da Integração Nacional. **Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro**. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/UserFiles/File/cartilha_delimitacao_semi_arido.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2013.
- _____. **Conceito e origens recentes da Economia Solidária no Brasil**. Disponível em: <<http://www.fbes.org.br>>. Acesso em: 1 jun. 2012.
- CANDEIAS, Cesar Nonato Bezerra et al. **Economia Solidária e Autogestão: ponderações teóricas e achados empíricos**. João Pessoa: s/d, 2005.
- COOPICUÍ MINERAÇÃO. **Comitiva do setor mineral Paraibano visita Centro Tecnológico de Pedras, gemas e joias preciosas em Soledade – RS**. Disponível em: <http://coopicuiimineracao.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- FIGUEIREDO, Lucas. **Boa ventura!, A corrida do ouro no Brasil [1697 – 1810]: a cobiça que forjou um país, sustentou Portugal e inflamou o mundo**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- FREIRE, Paulo. A Educação e o Processo de Mudança Social. In: _____. **Educação e Mudança**. 28 ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1979, p. 27 – 41.
- GONÇALVES, Alexandre. **Manual de orientação metodológica para trabalhos acadêmicos**. Cruzeiro; SP: FACIC, 2011.
- HENRIQUES NETO, Antônio. **Poesia, Folclore e Nordeste**. 1985.
- _____. **Voz de um homem rude**. 2001.
- HESPANHA, Pedro; SANTOS, Aline Mendonça dos. **Economia Solidária: Questões Teóricas e Epistemológicas**. São Paulo: Almedina, 2011.
- KRAYCHETE, Gabriel. **Economia Solidária: conceitos e contexto**. Salvador, s/d, 2002. Disponível em: <www.capina.org.br/download/pub/gkspmtxt.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- NOGUEIRA, Patrícia. **IFPB Campus Picuí apoia projeto social sobre garimpo**. Disponível em: <<http://www.ifpb.edu.br/campi/picui/noticias/ifpb-campus-picui-apoia-projeto-social-sobre-garimpo>>. Acesso em: 20 jun. 2012.
- PEREIRA JR, José de Sena. **Nova delimitação do Semi-árido brasileiro**. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 2007.
- RODRIGUES, William Costa. **Metodologia Científica**. Paracambi: FAETEC/IST, 2007.

SANTOS, Maria Jeane Dantas dos. **Horta escolar agroecológica**: incentivadora da aprendizagem e de mudanças de hábitos alimentares no ensino fundamental. Monografia (Graduação – Tecnologia em Agroecologia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. Picuí - PB, 2013.

SANTOS, Yolacir Carlos de Souza. **Segurança e saúde ocupacional na indústria da mineração**: aspectos técnicos das legislações e estatísticas de acidentes. Universidade Federal do Espírito Santo (Monografia de Conclusão de Curso – Especialização). Vitória – ES, 2012.

SOBRINHO, Antônio de Pádua. **Picuí – PB: COOPICUÍ Mineração, uma instituição que vem dando certo em nosso município**. Disponível em:<<http://sobrinhopicui.blogspot.com.br/2012/06/picui-pb-coopicui-mineracao-uma.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

_____. **Picuí – PB: atividade mineral**. Disponível em:<<http://picui.blogspot.com.br/p/picui-pb-atividade-mineral.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

_____. **Picuí – PB: A Praça dos Garimpeiros além de está regatando a história econômica valoriza a categoria no município**. Disponível em:<<http://sobrinhopicui.blogspot.com.br/2012/03/picui-pb-praca-dos-garimpeiros-alem-de.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

_____. **Picuí - PB: Meio Ambiente e Sustentabilidade foi o principal tema na Semana do Meio Ambiente IFPB**. Disponível em:<<http://sobrinhopicui.blogspot.com.br/2012/06/picui-pb-meio-ambiente-e.html>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

SOUSA, Letícia Pulcides de. **Cooperativismo: conceitos e desafios à implantação da economia solidária**. Vitrine da Conjuntura, Curitiba, v.2, n.2, abril 2009. Disponível em:<www2.fae.edu/galeria/getImage/1/732687471628267.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Curitiba: IESDE Brasil S. A, 2007.

